

Serralhas

exposição coletiva

Claudia Lara | Eleonora Gomes | H-AL | Janete Anderman

Larissa Barddal Fantini | Lilian Gassen | Magu Bistafa | Manu Daher

Serralha
ser-ra-lha
sf

BOT Planta herbácea anual (*Sonchus arvensis*), da família das compostas, nativa da Europa e Ásia, além de ser subespontânea em outras partes do mundo, de folhas verde-claras ásperas, penatífidas, cujas margens são serrilhadas, de inflorescências solitárias e amarelas, com frutos aquênicos oblongos e listrados, cultivada como hortaliça. Nasce espontânea em meio ao gramado, em hortas ou em meio ao espaço urbano nos meses mais quentes.

O tempo da primavera tem como marco a esperança e a fertilidade, que nas festas pagãs remetem aos símbolos da flor, do ovo e do coelho. No hemisfério norte, a Páscoa – *pessach*, palavra que vem do hebraico, que significa passagem – que acontece no período da estação, é um momento de transição e libertação, que se resume na ressurreição para a fé cristã. A primavera também emprestou seu nome para agregar significado a relevantes eventos histórico-políticos em meados do século XIX e nos anos 10 do século XXI. Em um paralelo entre sociedade e natureza, ambas cumprem seus ciclos temporais. Fertilizar para florescer, frutificar, secar e morrer, e assim por diante.

Esta exposição se propõe a ser um encontro motivado pela renovação. Após dois anos de hibernação forçada, instaurou-se uma vontade coletiva em estarmos novamente próximos uns dos outros e fazer a vida continuar. Como período que antecede o verão, a estação mais quente, com dias mais longos, chuvas e frutificação, a primavera – ou *Primeiro Verão* – representa um presságio, uma iminência, um porvir de um ápice.

Os trabalhos escolhidos para esta mostra trazem uma vibração de acontecimento e de celebração. Dispostos no espaço como um jardim inglês, ou melhor, como os típicos quintais das casas brasileiras, cultivados pelas mulheres e pela própria natureza, os trabalhos convivem dentro do espaço da galeria, uma casa viva, de modo a ocupá-la como diferentes espécies que buscam seus respectivos lugares de existência, gerando situações de tensão, conflito, sutileza e harmonia, seja na convivência e disputa entre os diversos elementos colocados em gestos e cores nas pinturas de Lilian Gassen e Eleonora Gomes, ou no jogo proposto pela instalação escultórica de Larissa Barddal Fantini, que com suas formas orgânicas aludem à peças de um tabuleiro de xadrez.

Em meio a um conjunto formado essencialmente por mulheres, a poética de algumas artistas traz a relação do feminino e da natureza, como nos objetos têxteis de Claudia Lara, nas aquarelas de Janete Anderman e nos retratos de Magu Bistafa. Entre a moda e a arte, as peças da nova coleção da H-AL, feitas em algodão e bordadas com retalhos, ocupam este espaço e falam sobre a impermanência, também discutida nas instalações florais de Manu Daher. Estas mostram a passagem do tempo e a beleza no ciclo de vida e morte por meio do uso de matéria orgânica e reciclável.

Como flores que brotam em meio ao concreto, impulsionadas por uma incontrolável energia vital, os trabalhos aqui se expandem a lugares adversos e favoráveis, firmam sua presença e se propõe a existir apesar das circunstâncias do espaço-tempo.

Marina Ramos
Curitiba, Primavera de 2022